

Resenha de: DE BOLLE, Monica Baumgarten. **Como matar a borboleta-azul. Uma crônica da era Dilma.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016, 272p.

**André Luís Campedelli<sup>1</sup>**

O governo Dilma é alvo de intenso debate entre os economistas atualmente. Os reais motivos de seu final abrupto e as consequências econômicas decorridas dos pouco mais de cinco anos de seu período é fruto de intenso debate entre economistas heterodoxos e ortodoxos. O livro de Monica Baumgarten de Bolle traz parte deste debate. Sob a ótica ortodoxa, ela tenta, de maneira simples e didática, mostrar sua visão sobre os acontecimentos econômicos do governo Dilma, suas consequências e o resultado deste período.

Logo em sua apresentação, o livro já demonstra qual será o caminho utilizado pela autora para realizar tal análise. A obra é feita de forma narrativa, pouco usual no mundo econômico, utilizando-se de uma linguagem mais simples, tornando claro que o livro se volta não somente para economistas, mas para todos que têm interesse em conhecer melhor o período da presidenta Dilma Rousseff. Para tal, não são utilizados gráficos nem tabelas. Os fatos são escritos de maneira histórica, na forma de um romance de ficção, para facilitar e tornar mais fluida a leitura. A própria escolha do título dos capítulos reforça este tom, com nomes que pouco tem a ver em um primeiro momento com jargões econômicos, para dar um ambiente menos tecnicista ao livro.

Na sua introdução, chamada de "O trem-fantasma de Dilma", a autora já pontua algumas de suas ideias, como a falta de realidade das políticas econômicas, sendo esta a principal causa dos resultados negativos do final do governo Dilma. Tais medidas foram as responsáveis por diversas consequências econômicas no longo prazo, como a perda do superávit da balança comercial, a elevação do desemprego e o desequilíbrio fiscal. Mas a verdadeira análise começa na primeira parte do livro, referente ao ano de 2011, intitulado "Entrando no túnel".

## I

O capítulo referente ao ano de 2011 começa mostrando as duas principais medidas econômicas colocadas em prática no início do governo Dilma, a redução da taxa de juros e as medidas macroprudenciais, que são regras de controle

---

<sup>1</sup> Professor substituto do ICSA da UNIFAL-MG. Mestre em Economia Política pelo PEPGEP da PUC-SP. Email: andre.camps@hotmail.com  
Recebido em janeiro de 2017 e aceito em janeiro de 2017.

inflacionário que buscavam restringir o crédito bancário, flutuações cambiais e outras medidas que interferiam no nível de preços macroeconômico, sem interferir no nível da taxa básica de juros Selic. Buscando mostrar que o cenário econômico mundial pós 2008 enfraqueceu as ideias ortodoxas e o receituário heterodoxo era mais dominante na época, inclusive com apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI), o governo Brasileiro se aproveita desta situação e começa a adotar tais medidas, visando eliminar a chamada "guerra cambial", termo cunhado por Guido Mantega, tornar o ambiente mais propício para o desenvolvimento industrial e reduzir o problema histórico da elevada taxa de juros no país.

Mas a autora argumenta que tal aventura heterodoxa foi feita de maneira equivocada, julgando que o melhor seria ter adotado um ambiente mais ortodoxo, com um peso mais elevado ao equilíbrio fiscal e com reformas mais profundas, principalmente na área fiscal e trabalhista. O Brasil, segundo a própria autora, não se encontrava em situação tão alarmante quanto os países do mundo desenvolvido, que sim foram forçados a encontrarem situações criativas para recuperar sua economia. Medidas mais ortodoxas, com reformas pontuais seriam o suficiente para evitar uma recessão econômica e trariam base para um possível desenvolvimento de longo prazo. Mesmo assim, o argumento final é que, superando algumas expectativas, o ano de 2011 conseguiu um resultado interessante perto das economias avançadas do mundo.

A segunda parte do livro, que trata do ano de 2012 (Fumaça, fumaça), começa tratando sobre uma piora do cenário global, o que estimulou ainda mais a equipe econômica do governo Dilma a aprofundar as medidas de cunho heterodoxo, entre elas a principal, a redução da taxa de juros Selic durante o ano. Mas tais políticas já se mostravam insuficientes, sendo que o modelo baseado em expansão via consumo estava quase no seu limite. O reflexo disto era apenas de uma elevação inflacionária, que foi ignorada, segundo a autora, para que se priorizasse o principal objetivo de Dilma, o crescimento econômico.

Outro ponto colocado pela autora foi o protecionismo à indústria nacional que se inicia em 2012, numa tentativa de recuperar o setor, em franca decadência desde os anos 1990. A autora aponta isto como um erro, argumentando que a perda de espaço da indústria na formação do PIB brasileiro não é necessariamente um sinal negativo, sendo que as medidas anunciadas com a finalidade de alavancar a indústria não conseguiram resolver a situação, além de piorar o cenário macroeconômico nacional, pressionando ainda mais a inflação no ano.

A autora conclui que o ano de 2012 foi formado por medidas desastrosas, com o intuito de reduzir os juros e de reestabelecer o desempenho industrial nacional, que ao invés de atingir seus objetivos, somente destruiu a chamada “borboleta azul”, a boa situação macroeconômica brasileira e o potencial de crescimento econômico do país.

## II

A seção intitulada “O museu de grandes novidades”, terceira parte do livro e referente ao ano de 2013, analisa a continuidade das medidas econômicas tomadas em 2012, além de analisar seus efeitos no ano avaliado. Segundo a autora, a redução dos juros, o controle equivocado de preços administrados, principalmente na área energética e as desonerações fiscais trouxeram mais problemas que soluções, como um aumento ainda maior das pressões inflacionárias, o desmonte do setor energético e problemas fiscais graves.

Outro ponto salientado era o efeito que a elevação do salário mínimo havia gerado na economia, que era regido desde 2011 por uma regra de indexação, que ocasionava um crescimento real de seu valor, acima do crescimento da produtividade brasileira no mesmo período. Isto teve um duplo efeito, sendo o positivo uma ascensão de muitos brasileiros no seu status social, mas ao mesmo tempo um ponto negativo, já que isto se tornou mais um fator de pressão inflacionária. Além disto, tal elevação real do salário mínimo foi responsável, na visão da autora, por um agravamento das finanças públicas, ou seja, mesmo com uma boa intenção, a estratégia acabou se mostrando equivocada no final.

A autora remonta também nesta parte do livro uma antiga discussão entre economistas, a chamada “herança” do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC). Para a autora, o governo FHC foi o responsável por criar um ambiente macroeconômico vigoroso, que foi o que permitiu o seu sucessor, Lula, a ter tamanho sucesso em seus anos na presidência. A autora coloca que todo este arcabouço econômico, legado de FHC, foi desmantelado pela equipe econômica de Dilma, e os resultados se mostravam evidentes em 2013, com os primeiros sinais de uma forte crise que se avistava para os próximos anos.

A seção se encerra falando do fato mais importante do ano de 2013, os protestos ocorridos em julho, que, segundo a autora, fizeram com que o governo aumentasse ainda mais suas despesas, deteriorando a situação fiscal. O remédio para isto, em sua visão, foi a utilização ainda maior da contabilidade criativa e da maquiagem nas contas públicas, para que o superávit fiscal não fosse prejudicado.

Isto tudo foi fundamental para que a situação fiscal do país se deteriorasse, fazendo com que, a partir do ano seguinte, a economia começasse a demonstrar a crise que marcou o final do governo Dilma.

A seção "As leis fundamentais da estupidez humana" trata dos anos de 2014 e 2015, onde efetivamente o país entra em uma grave crise econômica. A autora tenta demonstrar como isto se desenha já no ano de 2014, fruto das medidas intervencionistas, e que, segundo ela, fogem das leis fundamentais da economia.

Nesta parte do livro se encontra o trecho mais infeliz da autora na obra, quando faz uma análise jocosa e debochada dos economistas desenvolvimentistas e heterodoxos, tratando-os como pessoas ingênuas, que não sabem muito bem o que defendem, que apenas querem atacar as ideias de cunho ortodoxo. Um dos exemplos de sua postura pode ser observado abaixo:

O sistema límbico, a parte mais primitiva do cérebro, responsável pelas emoções, reage de modo visceral no cérebro desenvolvimentista. Incandesce quando processa palavras como "capitalismo", "mercado", "expectativas". Acalma-se apenas quando o tronco encefálico, a estrutura mais simples do cérebro, pulsa com os axônios do "endividar-se para crescer" e do "expandir o crédito público para impulsionar o investimento". Não conecta essas ideias com a alta de preços a elas associadas à inflação.

Trata questões frutos de discussão acalorada hoje, como a inflação de custos, como devaneios heterodoxos, e ainda questiona, ao final, a formação destes economistas, achando um absurdo estes não seguirem as leis básicas da economia. Esta parte do livro chega a ofender economistas que possuem ideias divergentes da autora pela maneira caricata com que ela define um economista heterodoxo. Tais afirmações podem ser observadas neste trecho:

O corpo caloso do cérebro desenvolvimentista é composto por um tipo de complexidade peculiar. As estruturas que conectam os dois hemisférios – a lógica, de um lado, a criatividade, de outro – são incapazes de conectar salários que crescem acima da produtividade com a inflação galopante que assola o país. Termos como "inflação de custos" proliferam entre aqueles que se autodenominam defensores do crescimento, inimigos dos neoliberais, que querem... Bem, eles não sabem articular o que os ignóbeis neoliberais querem. Sabem apenas acusá-los de serem contra o povo, a favor dos bancos. Inflação de custos é uma expressão para lá de enganosa. Se os custos sobem pressionando os preços, é porque em algum lugar a demanda cresce acima da capacidade de oferta [...] Mais dia, menos dia, os tais dos custos têm de ser corrigidos, levando à escalada inflacionária, que hoje testemunhamos. O cérebro desenvolvimentista, entretanto, não faz a conexão entre um lado e o outro.

Quando retorna a sua análise da situação econômica pós-eleição, a autora coloca que Dilma foi obrigada a aceitar a realidade e convocar um economista ortodoxo, Joaquim Levy, para tentar realizar os ajustes fiscais necessários, além de produzir um pouco de credibilidade para as políticas econômicas que viriam a seguir. Mas tal credibilidade era constantemente abalada pelas medidas geradas,

segundo sua visão, pelo Ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, que primeiramente levou ao congresso uma proposta orçamentária com déficit primário, o que abalou a confiança dos agentes internacionais na já frágil economia brasileira. Com as constantes ingerências e a persistência de se utilizar ferramentas contrárias à Lei de Responsabilidade Fiscal, à LOA e à Lei de Diretrizes Orçamentárias, a situação se agravou ainda mais e levou ao cenário que propiciou o início do processo de *impeachment* da presidenta eleita Dilma.

O livro termina com a parte referente a 2016, intitulada "Morcegos ressuscitam borboletas?" e com um epílogo fazendo uma analogia sobre todo o governo Dilma. Nesta última parte, a autora coloca que os efeitos desastrosos de medidas políticas e econômicas fazem com que o país se encontre em profunda crise política e econômica, que resultou no afastamento da presidenta Dilma. Logo após, faz uma reflexão sobre quais devem ser os próximos passos para uma tentativa de melhora da situação do país. Baseado num receituário ortodoxo, a economista defende a necessidade de grandes reformas fiscais e trabalhistas, para que se possa reduzir o papel do Estado na economia, melhorar a produtividade, reduzir o desemprego e melhorar a situação econômica do país.

### III

A conclusão da autora em seu livro é que, mesmo com o cenário econômico conturbado no mundo, o governo Dilma errou ao tentar tomar suas medidas econômicas. O receituário adotado fora das fronteiras do país não poderia ser adotado internamente, seja por falta de maturidade econômica, seja pela situação diferente que o país se encontrava.

O país, segundo a autora, começa a ter sua situação econômica desgastada a partir do segundo governo Lula, impulsionado pelas medidas adotadas no combate à crise econômica de 2008 e agravada com sua continuidade pelo governo Dilma. Era necessário, segundo a economista, que o país fizesse uma gestão econômica mais responsável, com menor gasto público e sempre mantendo a questão inflacionária como prioridade. A mudança de prioridades, buscando somente o crescimento econômico, de maneira insustentável pela ótica da autora, foi o que trouxe a instabilidade econômica, além de gerar uma verdadeira destruição econômica, de difícil reversão na sua situação atual, que só poderá ser obtida através de duras reformas estruturais na economia.

A falta de reconhecimento da influência do cenário externo na situação econômica pós 2011 por parte da autora é um dos pontos fracos do livro. A autora constantemente cita o cenário conturbado internacionalmente, como no caso da região do Euro e da lenta retomada da economia americana pós-crise de 2008,

mas constantemente reforça a tese de que isto nada teve culpa na atual situação econômica brasileira.

Outro ponto que pode ser alvo de críticas é que, devido à tentativa de se fazer uma obra de mais fácil leitura e informal, algumas informações ficam parecendo mais opiniões da autora do que a realidade dos fatos, principalmente quando em algumas vezes se mostra um cálculo próprio da autora sem mostrar o método e a fonte de onde tais dados foram retirados.

No final, o livro acaba mostrando de maneira forte, e até em muitas vezes com um tom crítico exacerbado por outras vertentes econômicas, o lado ortodoxo da história do governo Dilma. É um livro que mostra um dos lados da história, de maneira consistente e com uma rica fonte de detalhes, mesmo com os equívocos levantados acima. Mas, do mesmo modo, mostra também os fatos como se eles fossem irrefutáveis, impassíveis de discussão e argumentação. A informalidade do livro, que muitas vezes é seu ponto alto, faz com que também muitas vezes se mostre mais a opinião da autora sobre os fatos do que realmente uma discussão sobre a realidade dos acontecimentos da época.